

NOSSA OPINIÃO

/// Governo retém repasses para fazer superávit. Bancos oficiais usam recurso próprio financiando o Tesouro, uma prática ilegal

PEDALADAS DO TESOURO

As “pedaladas de despesas”, conforme o jargão dos analistas, constituem no momento a novidade—indesejável, diga-se—da contabilidade criativa do governo Dilma Rousseff.

As pedaladas são atrasos nos depósitos a bancos públicos e privados de recursos obrigatórios para bancar programas sociais, como Bolsa Família, abono salarial, benefícios previdenciários e subsídios diversos, dentre eles os da agricultura e os da conta de energia elétrica. O governo, sem dinheiro para cumprir compromissos, porque gasta demais, recorre à retenção de recursos como forma de maquiagem a deterioração das finanças públicas. Isso ajuda a cumprir artificialmente a meta de poupar recursos, o chamado superávit primário. Até parece que o mercado é bobo e não percebe.

Dados da execução do Orçamento mostram que, no primeiro semestre deste ano, o Tesouro repassou R\$ 8 bilhões do repasse agrícola ao Banco do Brasil. No Bolsa Família, uma das vitrines da era petista, acumulou-se diferença de R\$ 1 bilhão, que teve de ser paga pela Caixa Econômica

“

EU DIGO QUE...

“Só perco a cabeça quando alguém fala inverdades. Tem bandido que tem mais honra do que gente que conheço”

José Luiz Datena

Apresentador, comentando a sua discussão com o também apresentador Milton Neves

“Você precisa fazer o seu texto ser entendido pelos outros. Às vezes a gente tem muitas ideias.

Isabella Batalha Muniz Barbosa

É doutora em Arquitetura e Urbanismo

/// Em tempos de eleição, importante que os eleitores saibam que, associado à técnica do discurso, deve-se pautar o princípio da responsabilidade

A técnica e o discurso

A condição humana é instituída pelo discurso, símbolos e signos verbais que conferem identidades, materializam e respaldam ações. Michel Foucault (1926-1984) já dizia que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz os sistemas de dominação, mas um mundo simbólico que dissimula verdades primeiras. Assim, estabeleceram-se hierarquias de existência, e com elas, as bárbaries. A história, pois, não é uma construção contínua e unitária, mas um descontinuo passar de tempos dinâmicos.

Essa descontinuidade confere ao discurso construções sociológicas e definições de acordo com as relações de força e poder. Partindo desse pressuposto, a ideia de verdade se apresenta como critério de verificação localizado temporalmente. Hoje, o discurso preponderante é o da globalização e respectivos processos a ela vinculados e tem por base motriz a ideia de que as cidades são concebidas para atrair investimentos e renovar a base produtiva a partir da ação conjunta de vários atores.

Para os teóricos da globalização, apesar da desigualdade social, da violência e do despreparo de muitas das cidades para receberem as redes técnicas, o

futuro da humanidade estaria condicionado a esse novo formato. Neste contexto, o discurso é o elo articulador dos mercados, que materializa de algum modo uma relação antagonista. O discurso é antes de tudo uma técnica.

Apenas para ilustrar, no Brasil, indicadores mostram o aumento do número de pessoas alfabetizadas, mas, por outro lado, é reduzido o número de pessoas com capacidade de julgamento e compreensão da informação gerada pela ação. Se contextualizarmos a política capixaba, sua prática discursiva tem o ano de 1990 como divisor de águas entre dois períodos: aquele que estabelece o fim da política tradicional, construída a partir da improvisação do discurso e das relações interpessoais, e um novo período em que a política passa a sustentar-se na profissionalização do discurso que incorpora técnicas estratégicas que envolvem a concepção, o controle e o marketing.

A materialização da técnica do discurso é, em especial, o da sedução. Nessa perspectiva, as parcerias privadas, os setores de telecomunicações e as redes sociais são os maiores aliados para efetivação de metas. Em tempos de eleição, importante que nós, eleitores, saibamos que, associado à técnica do discurso, deve-se pautar o princípio da responsabilidade; compreender que a partir da heterogeneidade dos discursos haja uma condição digna de existência e a possibilidade de um saber, uma verdade de aspiração coletiva nele incorporado.